

EDITORIAL**Psicologia e Contextos da Família e da Saúde: cenários em transformação**

A visão atual de saúde tem como foco além do bem-estar físico, o bem-estar mental, social e espiritual. Essa concepção ampla e integrativa de saúde, divulgada pela Organização Mundial de Saúde (OMS)¹, não atravessa apenas como as práticas de saúde e cuidado se concretizam nos diversos espaços, mas também como a pesquisa científica deve constantemente apreender os sentidos dessa visão em sua complexidade.

O fazer do pesquisador deve se nutrir desse prisma, na tentativa de uma abordagem menos excludente, estigmatizante e focada no saber exclusivamente biomédico. Nesse sentido, fatores sociais, culturais, ambientais e estilos de vida são reconhecidos como importantes determinantes da saúde². Esses determinantes não apenas devem ser identificados, mas também conhecidos e problematizados constantemente em termos de sua articulação e corporificação nas vidas das pessoas com as quais se convive em cenários de pesquisa e de prática.

Essa compreensão também destaca a importância da articulação entre diferentes áreas do conhecimento nas práticas e nos estudos que visam à promoção da saúde e também a necessidade de abordar o sujeito em sua integralidade, considerando a história e os contextos de convivência das pessoas e grupos que se quer atingir³. É por essa via que emerge a necessidade de se explorar a família não apenas como um contexto de desenvolvimento, mas também como espaço potencial de construção de cuidado e, de modo amplo, de saúde.

O contexto da família é, em geral, o primeiro espaço de socialização e cuidado do indivíduo, sendo por isso um dos focos de estudo de diferentes áreas do conhecimento, entre eles a Psicologia. Na família se espera que haja trocas afetivas, transmissão de conhecimentos e valores, desenvolvimento de habilidades, construção de papéis e identidades, além de relações que promovam o crescimento de seus membros.

Contudo, apesar das expectativas sociais de que este seja um espaço protetor, as famílias são tão diversas quanto são as pessoas. Nesse ambiente também são vivenciados conflitos, sofrimentos, rupturas e situações de violência que oportunizam descontinuidades na tarefa primária de socialização⁴. Ao ser identificado como um espaço de sofrimento, a família passa a não mais cumprir o seu papel protetor e promotor de saúde, mas também a funcionar como um contexto de transmissão de aspectos considerados negativos e prejudiciais ao desenvolvimento.

Soma-se, a complexidade das relações nos núcleos familiares ao fato de que as transformações sociais também interferem no âmbito da família e das concepções que se tem a seu respeito. Verificam-se nas últimas décadas mudanças nas práticas educativas e nas relações de poder que envolvem seus membros, além de maior visibilidade e aceitação de novas configurações familiares⁵.

Assim, é importante se conhecer melhor, e em diferentes realidades sociais e culturais, como as famílias se organizam e se relacionam para o estabelecimento de serviços que atendam de forma efetiva às suas necessidades, em uma perspectiva mais próxima da noção de saúde vigente na contemporaneidade.

As diferentes configurações familiares acenam para a necessidade de renovar também o modo de se entrar em contato com a família e seus membros, em um desafio constante para pesquisadores e teóricos desse campo. Mas não apenas nessa seara de produção do conhecimento, pois os desafios da prática tornam-se igualmente prementes, de modo que entrar em contato com esses cenários renovados é uma tarefa primordial para uma atenção em saúde com densidade, crítica e situada histórica e socialmente.

Os estudos que cumprem a missão de problematizar alguns desses aspectos estão cada vez mais em vigência, suprimindo as necessidades de um repertório científico para intervenções e também de reflexões práticas que ofereçam as bases para discussões teóricas⁶.

Dialogando com as noções de família e saúde, prioriza-se uma proposta interdisciplinar que visa a produzir conhecimentos que estejam imbuídos da necessidade de lidar com as múltiplas facetas desses fenômenos na contemporaneidade.

Se a noção de saúde vem sendo ampliada para compor um repertório mais amplo de influências e aplicações, dentro de sua concepção mais integrativa, também as noções de família vêm sendo

modificadas tanto para abarcar configurações consideradas mais recentes como também para questionar, fundamentalmente, de que modo a família enquanto categoria e contexto vem se modificando, sendo não apenas produto dessas transformações como oportunizando, ela mesma, alterações no modo como se concebe o humano nas suas diversas inter-relações.

As pesquisas que exploram essas diversidades e mudanças, na tentativa de buscar o diálogo interdisciplinar, por exemplo, entre Psicologia, Serviço Social, Enfermagem e Nutrição, não endereçando suas produções a determinados nichos de inteligibilidade, mas à possibilidade de revisão, de redefinição e de transformação que emerge do próprio contato com o outro, ganham destaque e relevância no cenário atual⁷.

Ao se assumir que os cenários estão em transformação, abre-se a possibilidade de compreensão que não há respostas definitivas, mas sim construções que são permanentemente redefinidas, em busca de uma atenção que, de fato, possa integrar as diferentes dimensões que compõem o humano e que tentaram ser reunidas na noção de saúde tal como assumida e proposta pela OMS.

Sabe-se que essa noção ainda está em movimento, mas possui uma concretude. E, essa concretude pode e deve ser constantemente revisitada. E é com o convite para esse movimento que se espera neste número se contribuir com as discussões contemporâneas na interface entre saúde e família.

REFERÊNCIAS

1. World Health Organization. Division of mental health and prevention of substance abuse. WHOQOL and spirituality, religiousness and personal beliefs (SRPB). Genève: World Health Organization; 1998.
2. Albuquerque GSC, Silva MJS. Sobre a saúde, os determinantes da saúde e a determinação social da saúde. Saúde em Debate [online]. 2014, 38(103):953-65. DOI: 10.5935/0103-1104.20140082
3. Sousa LB, Torres CA, Pinheiro PNC, Pinheiro AKB. Práticas de educação em saúde no Brasil: a atuação em enfermagem. Rev Enferm UERJ. 2010; 18(1):55-60.
4. Araujo ICC, Nascimento DB, Nascimento CRR. Desafios éticos e metodológicos em pesquisa com famílias e crianças no contexto da adoção. Rev SPAGESP. 2017; 18(2):58-73.
5. Diniz Neto O, Féres-Carneiro T. Psicoterapia de casal na pós-modernidade: rupturas e possibilidades. Estudos de Psicol. 2005; 22(2):133-41. DOI: 10.1590/S0103-166X2005000200003
6. Scorsolini-Comin F, Souza LV, Barroso SM (orgs.). Práticas em Psicologia: saúde, família e comunidade. 2ª ed. Uberaba: Editora da UFTM; 2015.
7. Guanaes C, Mattos ATR. Contribuições do movimento construcionista social para o trabalho com famílias na Estratégia Saúde da Família. Saude soc. 2011; 20(4):1005-17. DOI: 10.1590/S0104-12902011000400017

Boa Leitura!

Célia Regina Rangel Nascimento

Psicóloga. Mestre em Psicologia do Desenvolvimento. Doutora em Psicologia. Professora Associada do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo. Editora convidada.

Fabio Scorsolini-Comin

Psicólogo. Mestre e Doutor em Psicologia. Pós-doutor em Tratamento e Prevenção Psicológica. Professor do Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Professor colaborador do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Editor convidado.